

# Derrotado pelo relógio

Numa partida de Xadrez, duelamos sempre contra dois adversários. Um deles senta-se à nossa frente e joga com as cores opostas às nossas. O outro adversário fica ao nosso lado, mas não joga. Ele observa e constantemente está a exigir que façamos nosso lance, pressionando e coagindo para que executemos nosso movimento, mesmo que incorreto, mas sempre exigindo que seja executado. E essa exigência perdura por cada segundo da partida, ininterruptamente, lance a lance, como se fosse uma interminável cobrança que nunca pode ser liquidada. Executamos um lance e logo já somos cobrados a executar outro e assim até o final do jogo. Esse fato faz com que o enxadrista tenha sempre que duelar contra um adversário adicional: o relógio. E para vencer a partida, não basta apenas que vençamos nosso adversário, mas precisamos também vencer o relógio, que sempre estará jogando de maneira implacável contra nós. De nada vale que sejam executados os mais espetaculares lances, que se alcance a mais superior das posições dentro do tabuleiro se, ao final de tudo, sucumbirmos ao tempo. Nesse caso, resta apenas conformar com a derrota, pois, de um total de dois adversários, não basta vencer apenas um deles. A vitória somente será consolidada se vencermos os dois: o que fica à nossa frente e o que fica ao nosso lado.

Se para vencermos o adversário que fica à nossa frente faz-se necessário a posse de conhecimento, sua aplicação visando um bom jogo, raciocínio e atenção, para que vençamos o adversário que fica ao nosso lado os ingredientes talvez possam ser considerados mais complexos. Eles envolvem calma, planejamento, sangue-frio e um extremo domínio dos movimentos do corpo, especialmente do braço e da mão. E foram justamente esses ingredientes que me faltaram durante uma partida que disputei e que me levaram a escrever esse artigo, no qual tento relatar um pouco dos sentimentos que me tomaram nos instantes finais do jogo e ao mesmo tempo apontar alguns erros cometidos, para que não sejam também cometidos por outras pessoas. Sim, fui derrotado pelo relógio. Sem tirar o mérito de meu adversário, que até o último instante lutou com todos os recursos que lhe restavam, mostrando bravura e procurando se valer de todas as possibilidades das quais dispunha, posso dizer que num pequeno intervalo de tempo, perto do final da partida, pude sentir a brisa da vitória e, logo em seguida, o fel da derrota. Tal como na vida, tal como no Xadrez, basta apenas um único segundo para ocorram grandes reviravoltas no curso da existência de uma pessoa, sejam elas as mais improváveis possíveis. De um segundo para o outro, o sólido, robusto e firme castelo de pedra, construído sobre a mais forte das bases, pode desmoronar, por mais inabalável que possa parecer. E o Xadrez confirma exatamente esse preceito. Pode-se jogar uma partida inteira com classe e maestria, mas basta apenas um único lance incorreto para que toda a beleza dos lances anteriores se perca diante da derrota. Talvez essa derrota na partida, objeto desse texto, tenha me trazido mais benefícios do que a vitória em si, pois esta última não proporciona o aprendizado oferecido pela primeira, este que posso afirmar que em muito me servirá, tanto para minhas próximas partidas como também contribuindo para uma maior bagagem de experiências, sempre úteis no decorrer da vida, pois o que é o Xadrez senão uma fonte de aprendizado e um espelho dessa própria vida?

A partida segue transcrita abaixo. O ritmo de jogo foi de uma hora e cinco minutos para cada jogador, sem acréscimos. O jogo transcorreu relativamente calmo, sem maiores percalços, exceto pelos seus lances finais. Meu adversário, um experiente jogador, na casa dos 80 anos, optou por uma abertura conservadora, procurando rocar logo nos primeiros lances. Logo tratei de jogar P3TR para evitar que as brancas jogassem B5C, cravando meu Cavalo. Instantes depois, fui eu a fazer isso com seu Cavalo. No lance 26 sacrifiquei uma peça para tentar empreender um ataque direto ao Rei inimigo, pois as possibilidades favoráveis me pareceram convincentes. Na sequência, considero P4BR (lance 28) um bom lance. As brancas dispunham de outras opções de defesa, mas preferiram tomar esse peão, numa tentativa de manter o Bispo em jogo. Esse foi o erro, pois abriu espaço para minha Dama avançar, gloriosa, dando cheque. Uma única casa restava ao Rei ameaçado, no canto do tabuleiro. Em seguida, subi minha Torre na sétima armando um poderoso mate...

[Event "IV Aberto de Itajubá 2013"]  
[Site "Itajubá BRA"]  
[Date "2013.07.13"]  
[White "Bustamante, Aécio"]  
[Black "Esber, Eduardo"]  
[ECO "A08"] - Apertura Reti, Ataque indio de rey

- |              |                |               |
|--------------|----------------|---------------|
| 1. C3BR C3BD | 11. C4B B3D    | 21. PXP CXP6  |
| 2. P3CR P4R  | 12. CXB DXC    | 22. BXPT D3D  |
| 3. P3D C3B   | 13. C4T C2D    | 23. D2B C5C   |
| 4. B2C P4D   | 14. C5B BXC    | 24. T31T TD1R |
| 5. 0-0 P3TR  | 15. PRXB 0-0-0 | 25. B4R C4R   |
| 6. CD2D P4TD | 16. P4BR P3B   | 26. TT1B CXPC |
| 7. P4R P5D   | 17. PXP C2XP   | 27. B5B+ R1C  |
| 8. P4TD B5CR | 18. B4B TT1C   | 28. BXC P4BR  |
| 9. P3T B4T   | 19. D2D D4B    | 29. DXPB D6C+ |
| 10. P4CR B3C | 20. T3T P3CR   | 30. R1T T7R!  |

A situação das brancas parece ser desesperadora. No momento em que coloquei minha Torre na sétima, vi que meu adversário enrubesceu e começou a respirar numa frequência maior, como se fosse um animal acuado. Não posso negar que nesse momento senti um grande conforto, estando na iminência de dar um bonito mate que, em minha curta análise no momento, parecia indefensável. Olhei no relógio, restavam-me poucos minutos, mas como o mate era iminente, num primeiro momento não me preocupei com isso. Meu adversário tinha muito mais tempo do que eu. Ele pensou bastante e jogou...

### 31. D8B+

Foi um lance desesperado. Talvez a única forma de retardar o que parecia inevitável. Olhei ao meu redor e haviam várias pessoas assistindo ao jogo, algumas tão tensas como nós, que estávamos diretamente envolvidos na peleja, outras nem tanto, mas não menos curiosas em conhecer o desfecho da batalha. Novamente olhei para o relógio e notei que tinha 3 minutos de tempo, mais alguns segundos. Não me lembro exatamente quantos segundos tinha além dos 3 minutos, mas eram 3 minutos. Nesse momento eu estava relativamente calmo e decidi pensar numa maneira de proteger meu Rei, de modo que não ficasse levando vários cheques e tendo meu mate retardado. Pensei um pouco. Uma das linhas que analisei foi:

31... TxD

32. TxT+ R2T

33. BxT

E isso colocaria fim em minha ameaça de mate. Eu não queria isso. Precisava manter a pressão. Não queria perder minha Torre que estava na sétima e minha outra Torre, em 1C, estava me garantindo um outro mate se o Bispo branco em 4C tomasse minha T7. Eu estava numa situação confortável no tabuleiro e queria manter essa conjuntura. Pensei mais um pouco. Olhei novamente para o relógio e foi a partir desse exato momento em que tudo começou a desmoronar. Vendo que me restavam pouco mais de dois minutos, percebendo que meu adversário tinha em torno de 13 minutos e sentindo que a partida poderia se prolongar, confesso, me apavorei. Não sou nenhum mestre da arte, pois jamais dispus de tempo para me dedicar ao Xadrez, tampouco para estudar aberturas, o mais básico dos conhecimentos. Toda minha bagagem de conhecimento provém exclusivamente das partidas que disputei, e mesmo assim admito que foi um apavoramento injustificável, tendo em vista minha experiência como enxadrista e os vários títulos conquistados. Talvez, levando-se em conta o momento, suas circunstâncias e peculiaridades, a disposição física, o estado mental etc, pudesse ser encontrada uma justificativa, mas não é essa a intenção. Simplesmente aconteceu...

## 31... R2T

Um pouco de maneira racional, um pouco por impulso, creio que dei o lance correto. Não seria boa idéia tomar a Dama. Mais prudente foi esconder o Rei e manter a pressão sobre o Rei adversário. Nesse momento meu coração estava disparado. Eu estava tenso, com um mate em 1 armado e ansioso por saber qual seria o próximo lance de meu adversário, o que parecia ser bem óbvio. Minha preocupação maior nesse momento era com meu tempo, pois me restavam apenas cerca de dois minutos. Embora estivesse com um mate armado, existia um receio da partida se prolongar e de eu não ter tempo suficiente para dar um andamento satisfatório no jogo. Essa era minha real preocupação e isso obscureceu totalmente meu raciocínio. Deliberei que precisava jogar rápido, no menor tempo possível, para que, se a partida ainda se prolongasse, eu tivesse tempo de pensar. A partir dessa decisão, a partir desse exato instante, eu tinha acabado de perder a partida.

## 32. D5BD+

Ainda apavorado pelo pouco tempo que me restava, procurei pensar rapidamente sobre como sair do cheque, mas meu raciocínio estava obscurecido. O primeiro lance que me veio à mente foi P3CD. Dessa forma eu protegeria meu Rei e ao mesmo tempo ameaçaria a Dama que me atacava. Eu ia executar esse lance, mas em meio a todo o desespero que me tomava, olhando para o relógio e sufocado pelos segundos que iam se passando, imaginei que se jogasse P3CD, ele jogaria DXPB+ e depois disso ainda pensei na Torre adversária descendo e até numa possibilidade de ser vítima de um cheque perpétuo. Os segundos se passavam, meu receio da partida se prolongar aumentava e isso me pressionava de uma maneira cruel para que eu jogasse rápido. Por fim, em meio a tantos temores, decidi voltar com meu Rei.

## 32... R1C??

Esse foi o pior lance que poderia ser executado. Seria muito mais conveniente ter pensado com calma, até mesmo ter perdido a partida no tempo, mas tendo jogado corretamente, do que ter feito essa lastimável e terrível jogada. O que se seguiu depois disso foi óbvio: uma sequência de cheques das peças brancas e o trágico final para as pretas, que passaram do paraíso para o inferno.

## 33. T8B+ TXT

## 35. D5BD+ R1C

## 37. BXT DXPT+

## 34. DXT+ R2T

## 36. D8B+ R2T

## 38. R1C 1-0

Talvez por inexperiência, talvez por falta de confiança, talvez por impaciência, talvez por pura falta de presença de espírito, talvez por tudo isso, a verdade é que fui derrotado pelo tempo. Dentro da enublação em que se encontrava minha mente, não percebi que se jogasse 32... P3CD não haveria problema nenhum, pois se 33. DXPB+, o lance seguinte seria "33... DXD". Nesse momento, o programa Houdini acusou uma vantagem equivalente a quase dez peões para as pretas, ou seja, praticamente impossível que fossem derrotadas numa continuação normal. E essa foi a continuação que não consegui perceber, quando apenas o tempo me tomava o raciocínio. E mesmo que me restassem apenas vinte segundos, basta pensar que, estando a posição consolidada, é perfeitamente possível que se faça um lance por segundo, ou até mais. Em vinte segundos seriam possíveis no mínimo vinte lances, mais do que suficientes para definir o jogo. Méritos para meu adversário. Perdi a partida, mas ganhei uma grande lição.

### Como poderia ter sido:

32... P3CD

34. BXT D3B+ (-9,63)

36. B2C R1C (-12,67)

33. DXPB+ DXD (-9,73)

35. B3B DXBT (-12,16)

37. T1CR C4D (-13,41)